

Os “outros” no Discurso de Pedro

Autores

Daniele Barlati Arantes

1. Introdução

Para se estudar o lugar do "outro" na construção de um discurso se faz necessário destacar conceitos básicos como a polifonia, o intertexto e a intertextualidade, e os diferentes tipos de heterogeneidade.

Neste trabalho observamos a heterogeneidade mostrada e marcada no enunciado, e autores como Maingueneau (1989) – conceitos sobre discurso, e tipos de heterogeneidade mostrada marcada – e Fiorin (1997) – conceitos sobre ideologia, formação discursiva e ideológica – são utilizados como fonte para a fundamentação teórica da análise proposta.

O desenvolvimento da análise segue a linearidade discursiva do enunciado, sua seqüência expositiva e argumentativa – visto que o mesmo possui uma organização intencional e direcionada –, destacando os tipos de heterogeneidade mostrada marcada que constituem o enunciado como um todo.

O enunciado selecionado para a análise é extraído do Novo Testamento, do livro do Atos dos Apóstolos, capítulo 2, versículos de 14b a 36. Trata-se do Discurso de Pedro – Apóstolo de Jesus Cristo, segundo afirmam as Escrituras religiosas (Bíblia) – e é citado em um relato escrito, sobre os acontecimentos do dia de Pentecostes.

2. Objetivos

A análise tem por objetivo identificar as contribuições da heterogeneidade enunciativa para a construção do sentido no Discurso de Pedro e observar a forma como os diversos "outros" são citados no enunciado, de forma a construir toda a sua linha argumentativa.

3. Desenvolvimento

O texto selecionado para análise tem características particulares, como a heterogeneidade, ou seja, seu

aspecto que remete ao exterior. Todo enunciado possui um sujeito que se responsabiliza por ele, seja escrito ou falado, porém muitos "outros" enunciadores podem ser introduzidos em um mesmo enunciado, construindo seu sentido. A heterogeneidade mostrada pode apresentar-se marcada, como no caso do uso das aspas, nos discursos relatados diretos, ou citações de autoridade. Nesses casos a "voz do outro" é marcada no enunciado como não sendo a "voz do locutor" e sim de um outro enunciador.

Segundo Maingueneau (1989), o discurso relatado direto é um discurso de "autoridade", visto que o enunciador é uma autoridade invocada pelo locutor, não estando presente, pois se participasse da discussão abordada, anularia sua autoridade: *"O valor de autoridade ligado a toda enunciação ("é verdade, porque eu o digo") é geralmente insuficiente e cada formação discursiva deve apelar à autoridade pertinente, considerando sua posição"* (MAINGUENEAU, 1989, p 86).

A gama de fragmentos que uma formação discursiva cita é definida por Maingueneau (1989) como intertexto de uma formação e, o tipo de citação que esta formação discursiva define como legítima através de sua própria prática, é definido por ele como intertextualidade.

A heterogeneidade discursiva também está ligada à questão do metadiscurso do locutor:

*"Reconhecer-se-á aí os múltiplos fenômenos que resultam das **glosas** que acompanham o que o locutor diz. Com efeito em um enunciado, nem tudo é produzido sobre a mesma frequência de onda: o dito é constantemente atravessável por um metadiscurso mais ou menos visível que manifesta um trabalho de ajustamento dos termos a um código de referência do discurso(...)"*

O locutor do discurso, por meio de glosas, insere comentários na construção de seu enunciado, formando níveis distintos no interior do mesmo.

O "outro" também pode ser um enunciador dentro do enunciado do locutor, mesmo que seus enunciados se apresentem como contraditórios, esse é o caso da **negação**, que segundo Ducrot (1982, apud MAINGUENEAU, 1989, p 80), os enunciados negativos são o choque entre duas atitudes antagônicas, são dois enunciados que se contrapõem, pois diante de uma negação pressupõe-se sempre uma afirmação anterior.

O caráter polifônico do enunciado é marcado pela distinção de diferentes enunciadores na construção de um enunciado, e toda a construção argumentativa do enunciado a ser analisado tem como base o aspecto polifônico do mesmo.

Tais conceitos dos referidos tipos de heterogeneidade mostrada marcada são essenciais para a realização da análise proposta.

(MAINGUENEAU, 1989: 93)

4. Resultados

A ocasião – ou o contexto situacional – em que se deu esse enunciado é o dia de Pentecostes, como relatam as Escrituras, após a morte e ressurreição de Cristo. Os Apóstolos estavam reunidos em oração, quando o Espírito Santo desceu sobre eles e todos começaram a anunciar a Boa Nova de Cristo, ou seja, sua Ressurreição.

O enunciado é constituído de **heterogeneidade mostrada marcada**, a começar pelo fato de que, na sua totalidade, se encontra grafado entre aspas, por se tratar de um **discurso relatado direto**, ou seja, ele é inteiramente atribuído ao locutor: São Pedro Apóstolo. As aspas são marcadores constitutivos de sentido, pois, neste caso, utilizando um discurso direto destaca-se a citação de um enunciador – Pedro – em meio ao relato dos acontecimentos do dia de Pentecostes.

Esse enunciado pode ser dividido em duas partes: em uma primeira, o locutor afirma que naquele momento o Espírito Santo estava sendo derramado sobre os apóstolos, em uma segunda, afirma-se que Cristo ressuscitou dentre os mortos.

Os destinatários do discurso são indicados no início do mesmo: "*Homens da Judéia e vós todos que habitais em Jerusalém: seja-vos isto conhecido e prestai atenção às minhas palavras*". Logo após São Pedro dirigir-se aos seus ouvintes, ele chama a atenção dos mesmos para o seu discurso e evidencia que o que ele tem a dizer é preciso ser conhecido por eles.

Para dar início às suas afirmações a respeito da vinda do Espírito Santo sobre os apóstolos, São Pedro se utiliza de uma **negação**, marca de polifonia enunciativa:

*"Estes homens **não** estão embriagados, como vós pensais, visto não ser ainda a hora terceira do dia."*

Ao refutar a afirmação de que os apóstolos estariam embriagados, o locutor também justifica sua refutação: "*visto não ser ainda a hora terceira do dia*", ou seja, os homens não poderiam estar embriagados por ser ainda nove horas da manhã, e não ser costume judeu tomar vinho na parte da manhã. O enunciado que apresenta a afirmação de que os homens foram acusados de estarem embriagados está presente no versículo 13 do 2º capítulo do Atos dos Apóstolos, passagem anterior ao Discurso de Pedro:

Também, a estrutura da refutação apresenta um conjunto antonímico, introduzido pelo conector argumentativo *mas*, que marca uma retificação: "*Estes homens não **estão embriagados**, como vós pensais, visto não ser ainda a hora terceira do dia. **16 Mas cumpre-se o que foi dito pelo profeta Joel***".

Portanto o locutor afirma que os homens não estão **embriagados**, mas sim **cheios do Espírito Santo**, pois **as suas atitudes, que poderiam ser atribuídas à embreaguês, são na verdade atitudes que provam o cumprimento da profecia de Joel, que afirma que o derramamento do Espírito Santo teria como consequência a manifestação de tais atitudes e prodígios.**

Segundo Moeschler (1982, apud MAINGUENEAU, 1987), a negação polêmica que apresenta uma refutação de um suposto enunciado afirmativo, seguida de uma justificação é distinguida como uma **refutação proposicional** e a **negação polêmica que apresenta em sua estrutura uma relação de oposição, possivelmente intermediada pelo conector argumentativo *mas*, toma um sentido de retificação**.

Esses dois tipos de refutação estão presentes no enunciado analisado anteriormente (versículos 15b e 16), e são essenciais na construção do sentido do enunciado de Pedro, visto que o intuito do locutor é convencer os destinatários de que ali se cumpria a profecia do livro de Joel, ou seja, o derramamento do Espírito Santo, e que não se tratava de um caso de embriaguês.

Por se tratar de uma passagem bíblica, o discurso utilizado é o Discurso Religioso, já o enunciado de Pedro é constituído por muitos "outros", ou seja, o apóstolo Pedro – locutor do discurso –, para construir o seu enunciado, recorre a citações de outras passagens bíblicas do antigo testamento, escritas por profetas – enunciadorees do discurso – conhecidos pela tradição judaica.

As citações diretas ou textuais, que constituem o Discurso de São Pedro são marcadas por serem grafadas em itálico. O locutor se utiliza de tais citações, como citações de autoridade, para dar autenticidade ao que diz, já que os livros dos profetas do Antigo Testamento são considerados "verdades absolutas" pelos destinatários do enunciado, assim, recorrendo às palavras dos profetas, São Pedro apresenta como que "provas" da veracidade do que diz e se utiliza de uma argumentação eficaz.

Um dos enunciadorees citados é o profeta Joel (Joel 3, 1-5), **seu enunciado citado – discurso relatado em estilo direto** –, é utilizado para esclarecer o que estava acontecendo no momento em que se deu o Discurso de São Pedro e prova que, segundo a fé judaica, o Espírito Santo havia sido prometido por Deus Pai na voz do profeta Joel, e, portanto, São Pedro, que tem a intenção de convencer os seus ouvintes de que a promessa da descida do Paráclito ocorria naquele momento, recorre às palavras do profeta.

A citação desse discurso direto tem um grande peso argumentativo, pois se trata de uma citação de autoridade.

Para introduzir o anúncio de que Jesus Cristo havia ressuscitado dentre os mortos, São Pedro novamente se utiliza de uma **negação polêmica**, indício da polifonia enunciativa:

*"24 Mas Deus o ressuscitou, rompendo os grilhões da morte, porque **não** era possível que ela o retivesse em seu poder".*

Essa negação refuta o pressuposto enunciado: *"Era possível que ela o retivesse em seu poder"*. O locutor se opõe a essa afirmação, e essa negação norteia o sentido do seu enunciado desse ponto em diante.

O locutor se utilizará de mais uma citação de um discurso direto para reforçar a negação que fez anteriormente, de que não era possível que a morte retivesse Cristo em seu poder, portanto o mesmo teria ressuscitado.

O Rei Davi, profeta do Antigo Testamento, autor do livro dos Salmos, é o enunciador da citação (Sal 15, 8-11), que é utilizada com a intenção de atribuir tal discurso relatado direto não a Davi, mas a Jesus Cristo.

Atribuindo tal enunciado a Cristo, São Pedro prova que a alma de Cristo não ficou na "região dos mortos" e nem conheceu a "corrupção", o que comprova a tese de São Pedro de que Jesus havia ressuscitado dentre os mortos.

O enunciado é constituído também por uma glosa, que introduz a argumentação do locutor, para afirmar que realmente o discurso citado dizia respeito a Cristo e não a Davi. São Pedro utiliza-se dessa **glosa** para solicitar permissão para fazer a afirmação de que se Davi morreu e foi sepultado – e esse fato é de conhecimento dos destinatários do discurso –, então ele não poderia estar falando de si mesmo quando proferiu seu discurso, daí a conclusão de que se referia à ressurreição de Jesus Cristo. Tal sentido é constituído no enunciado de Pedro, também através da citação de um outro discurso relatado direto, que também tem como enunciador o rei Davi. Essa citação é utilizada pelo locutor com o intuito de concluir o sentido que pretende dar à seu discurso, o sentido de afirmar e anunciar que Cristo ressuscitou e venceu a morte.

O enunciado é constituído por mais um discurso relatado direto (Sal 109,1), pelo qual São Pedro se utiliza novamente de um fato conhecido por seus ouvintes: "*pois Davi pessoalmente não subiu ao céu*", para afirmar que o enunciado citado não diz respeito ao autor do Salmo, mas ao próprio Cristo.

No caso dos discursos relatados diretos, presentes no discurso de Pedro, pode-se afirmar que se tratam de **citações de autoridade**, visto que para a tradição judaica, as palavras das Sagradas Escrituras do Antigo Testamento são indiscutíveis, são verdades absolutas, inegáveis, pois apresentam verdades fundadoras dos discursos – discursos: religioso, político, econômico, moral, familiar, etc - de uma determinada comunidade, neste caso, o povo judeu. Tais discursos contidos nesses livros são atribuídos, pelo povo judeu – destinatário do discurso de Pedro –, ao próprio Deus. Por essa razão, o sentido constituído pelos discursos diretos citados, como citações de autoridade, apresenta-se como base da construção argumentativa do discurso de Pedro, na sua totalidade.

5. Considerações Finais

A heterogeneidade mostrada marcada no Discurso de Pedro, portanto, é constitutiva de seu sentido, os diversos "outros", enunciadores que não o locutor do enunciado – o "sujeito que se responsabiliza pelo mesmo –, garantem e constroem o sentido do mesmo, quando citados pelo locutor.

O locutor utiliza-se de negação para iniciar as duas principais afirmações de que é composto o enunciado, em uma atitude de contradição ao que era tido como verdade para os destinatários de seu discurso e, por meio de citação de autoridade, constrói sua argumentação, baseando-se em "palavras de verdade", fundadoras dos discursos da comunidade dos seus ouvintes, para provar a veracidade de suas palavras e fundamentar suas afirmações.

Visto que a intenção do Apóstolo Pedro era de converter e convencer os seus ouvintes a respeito da veracidade do anúncio que fazia, ele se utiliza da citação de enunciados cujos enunciadores estão à prova de qualquer questionamento – na concepção dos destinatários, dado o contexto religioso.

Também a glosa destacada na análise desse enunciado promove uma maior aproximação do locutor com seus ouvintes, e conduz o enunciado a um raciocínio lógico, que contrasta a verdade de fé dos Judeus – que seriam as palavras de Davi – com a verdade dos fatos conhecidos por eles – a morte de Davi – se ambas essas verdades não podem contradizer-se, então fica provada a tese de que o rei Davi predizia a Ressurreição de Cristo nas Escrituras dos Salmos.

Portanto o sentido do enunciado de Pedro é construído através de uma heterogeneidade discursiva mostrada e marcada, e a mesma compõe a linearidade e a organização da construção argumentativa do Discurso de Pedro.

Referências Bibliográficas

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

_____. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez: 2002.

FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1997.

BRAIT B.(org) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.